



ANO I — Dezembro de 1968 — N.º 7 — Director: Pároco de Esposende - Portugal — Telef. 89291

COMPOSTO E IMPRESSO NA
Gráf. Editora do Cávado - Esposende

RAINHA E

Nenhum outro Dogma da Igreja teve confirmação mais segura e retumbante do que o dogma da Imaculada Conceição, proclamado em 8 de Dezembro de 1854, pelo Augusto Pontífice Pio IX, e confirmado, quatro anos mais tarde, em Lurdes, pela própria Mãe de Deus, quando esclareceu o mistério das suas aparições a Bernadette, na rústica e solitária gruta de Massabielle, nas margens do Gave, sob as eminências graníticas dos Pirineus.

A alegria dos corações foi desmedida, o contentamento das almas foi imenso, ao receber tão alegre e auspiciosa proclamação. *Maria Santíssima foi pura, imaculada, desde o primeiro momento da sua existência.* Estava sujeita a nascer em pecado, porém, por singular graça e privilégio de Deus omnipotente, em vista dos méritos de Cristo Jesus, Salvador do género humano, foi preservada imune de toda a mancha de culpa original. A nossa redenção é *liberativa*, a de Maria é *preservativa*. A que viria a ser habitação do Filho de Deus não deveria ser antes habitação do demónio. Só assim a inimidade com Satanás seria completa e o seu título de cheia de graça traduziria a isenção total de pecado. Doutra forma não seria plena de graça.

Assim todo o mundo cristão acredita desde cedo em tão excelso privilégio. O Oriente festeja-o, desde o século oitavo. Portugal celebra-o, explicitamente, desde 1302, data em que Scoto o defende contra Pedro Lombardo, na Universidade de Paris. Tão querida verdade é ensinada pelos nossos teólogos, professada pelos nossos diplomados pela Universidade de Coimbra, celebrada sempre com viva e ardente fé pelo nosso povo.

A Rainha Santa Isabel fundou em Lisboa a capela da Senhora da Conceição, no convento da Trindade; D. Duarte defende, com a perícia de um teólogo, o dogma da Conceição Imaculada de Maria; D. João II vem em peregrinação de piedade à Igreja da Virgem da Conceição, em Matosinhos; D. Manuel I ergue, em Lisboa, o primeiro templo à Senhora da Conceição. A época dos Jesuítas e dos Filípes consolidou esta crença.

Assim chegamos ao dia esplendoroso de 25 de

Março de 1646. Era domingo de Ramos e festa da Anunciação. Era o dia escolhido por D. João IV para a *proclamação solene da Padroeira de Portugal.* Perante uma imagem de ouro de Nossa Senhora da Conceição, com as lágrimas nos olhos dos heróicos restauradores de seis anos antes, o Monarca jura defender até à morte, se necessário, a Imaculada Conceição de Maria. Toma a coroa e

PADROEIRA

coloca-a sobre a fronte da Senhora. Jamais os monarcas portugueses usariam essa insígnia real. Ela pertenceria à nova *Rainha de Portugal* — a Senhora da Conceição, a quem o rei oferece um tributo e as rainhas oferecem mantos.

O século XVII foi, por excelência, em Portugal, o século de N. S. da Conceição.

E a nossa Divina Rainha será sempre a nossa Padroeira a defender-nos dos perigos e a amparar-nos nas incertezas. A proclamação da Padroeira não era — acentue-se — uma decisão momentânea, filha da natural exaltação colectiva, sem antecedentes a justificá-la e rapidamente esquecida. Foi, sim, a consequência lógica e triunfal de um processo histórico e ideológico bem marcado em todas as nossas catedrais. A Batalha e os Jerónimos consagram a protecção dispensada a Nuno Álvares e aos heróicos navegadores. A mesma fé se professa em todo o mundo, antecipando-se o povo católico ao *verdictum* da Igreja em 1854. Era proclamação gloriosa duma crença firme e universal que se iria desdobrar em exuberantes manifestações marianas nos tempos subseqüentes.

Apesar dos protestos violentos de Herculano, encharcado de enciclopedismo importado da França jacobina, Portugal não renega a sua fé na Virgem Imaculada e levanta-Lhe, como imortal padrão, o templo votivo do *Sameiro*, donde a Rainha e Padroeira continuará a reinar e a defender os interesses de Portugal.

O século presente é o século de Maria. Agora, que precisamos, mais do que nunca, do seu poder de Rainha e da sua intercessão de Padroeira, vol-

(Cont. na pág. 3)

Começo por chamar a atenção para o título desta pequena crónica, pois, embora haja quem se arrogue o direito de falar da vida alheia, devemos proclamar bem alto que só podemos falar da nossa vida.

E, posto isto, principiamos por falar do

Tríduo do S. Coração de Jesus

É digno do maior louvor o modo como tudo decorreu. Regozijamo-nos com o número elevado de

A NOSSA VIDA

assistentes às prégações, não deixando de dizer, que, poderiam ser muitíssimos mais no que se refere aos homens.

Foi com alegria que, no domingo da conclusão, registámos cerca de setecentas comunhões.

A todos fazemos esta recomendação: que os propósitos e resoluções formulados não sejam esquecidos, ou sepultados no abandono, mas perdurem, a influenciar toda a vossa vida.

Obras

Encontra-se concluída a reparação da residência paroquial. Procedeu-se a uma nova e moderna instalação eléctrica, a pinturas de paredes e madeiras, estores nas janelas, pavimentação da loja e um quarto de banho novo.

Só no próximo número diremos em quanto importou a despesa com toda esta reforma.

É do conhecimento público que prosseguem as obras de ampliação e restauro da Capela do Senhor dos Aflitos.

Entretanto, duas obras de vulto se colocam na nossa frente; o Salão Paroquial e a restauração total da Igreja Matriz.

Esta, encontra-se em mau estado e com ares de pouco asseio quanto a soalho, paredes e altares.

A Igreja é a casa de Deus no meio das casas dos homens. Ela pode ser pobre, mas não deve ser miserável.

Os nossos sentimentos religiosos, o nosso brio de povo civilizado e cristão, e o facto de sermos tão visitados por estranhos, não podem permitir que a nossa Igreja Matriz não esteja muito limpa, asseada e decente.

Mas, a construção do Salão Paroquial, é neste momento a obra mais necessária que se impõe realizar. Prazza a Deus que as burocracias e os empates dos planos de urbanização nos facilitem, sem demora, a sua localização.

Como todos podem concluir estas obras irão exigir muito sacrifício e muita generosidade. Vamo-nos dispendo desde já para todas estas realizações. Não percam tempo nem dinheiro. Já aqui dissemos, e repetimos, que as nossas obras paroquiais precisam de muita compreensão, trabalho e generosidade das pessoas mais remediadas, sobretudo daquelas que não tendo herdeiros forçados, podem ajudar-nos com esmolas ou donativos mais avultados.

Essas esmolas serão precioso sufrágio pela alma de tais benfeitores.

Assim o esperamos.

Catequese

Voltamos ao assunto da catequese. Insistimos com os pais no sentido de não permitirem, ou causarem, as faltas de seus filhos.

São 118 rapazes e 120 meninas que deverão frequentar a catequese todos os domingos.

Para todas estas crianças temos 21 catequistas.

Apraz-nos registar que neste número estão incluídos três jovens estudantes (dois do 3.º e um do 4.º ano), três professoras primárias, duas estudantes do 6.º ano, quatro do 5.º, três do 3.º, uma do 2.º ano, e uma finalista do Magistério.

Consola-nos ver a juventude estudantil preocupar-se com o problema da catequese, mas ousamos pedir-lhe mais o sacrifício da frequência às reuniões semanais, que teremos até à Páscoa.

Sem reuniões bem cuidadas nunca teremos catequistas convenientemente preparadas.

Encontro de Liamistas

O grupo de Liamistas desta Vila organizou entre nós um encontro de professores primários no passado dia 10 de Novembro. Dele falaram grandes jornais do país. Foi, na verdade, uma jornada plena de doutrina, entusiasmo, vida missionária e recordação.

Mais de uma centena de professores e professoras participaram nas sessões, na Santa Missa e no almoço de confraternização.

Parabéns a todos e um voto especial de muito louvor às briosas Liamistas desta Vila.

Juventude Masculina

A presença da juventude é contagiante. Quando nos misturamos com os jovens sentimo-nos rejuvenescidos: mais entusiastas e plenos de vida. Encantados trabalhar com a juventude, aliás, é um grande dever que temos a cumprir.

Ora, entre mim e a juventude masculina havia ainda uma enorme distância. Parece que no domingo, 17 de Novembro, muito ou tudo se desfez. Algumas dezenas de bons rapazes ouviram o apêlo que lhes foi feito e compareceram à primeira reunião que fizemos.

(Cont. na pág. 3)

OS NOSSOS BENFEITORES

Pelo número anterior ofereceram :

5\$00 - Maria Helena Gonçalves e Bernardo Morgado.

3\$50 - António Martins Zão e Celestina Zão.

2\$50 - João Torres, Manuel S. Pinto, Armindo Gomes, D. Júlia Monteiro, Manuel Martins Ferreira, D. Elvira Magalhães, D. Eva Portela, D. Etelvina Barros Lima, Dr. Agostinho Reis e Eduardo Viana.

1\$50 - Maria Angélica e Tibério.

Sem tempo determinado ofereceram :

50\$00 - José Adelino Ferreira da Cruz (Moçambique) e Eng. João M. Oliveira Martins.

Movimento Religioso

EM NOVEMBRO

Baptismos :

Dia 10 - Rui Alexandre Moreira Viana Sarmento, filho de José Joaquim Viana Sarmento e de D. Maria Esmeralda Morais da Costa Moreira.

17 - Ivone Maria da Cunha Pimenta, filha de Manuel Miranda Pimenta e de Maria dos Anjos Miquelino da Cunha, residentes na rua Tenente Valadim n.º 4.

24 - Ana Paula da Cruz Eiras, filha de Luís André Eiras e de Rosa Celeste Viana da Cruz, residentes na rua João de Freitas n.º 4.

Óbitos :

Dia 9 - Maria Júlia Meira, de 71 anos de idade, doméstica, casada com David Martins Vilachã, natural desta Vila de Esposende, onde era residente na rua Conde de Castro.

25 - José Lopes Pinheiro, de 90 anos de idade, viúvo, natural de Fão e residente nesta Vila, na rua Narciso Ferreira.

RAINHA E PADROEIRA

(Cont. da pág. 1)

temo-nos confiantes para aquela que também é nossa Mãe. Encostados às Mães as crianças nada temem. As mães são os baluartes da História.

Que Ela seja a garantia da nossa história imortal!

Que o grito da nossa miséria acelere a sua protecção!

Com Maria triunfaremos.

A NOSSA VIDA

(Cont. da pág. 2)

Ficou resolvido que as mesmas reuniões continuariam, no último domingo de cada mês.

Encheu ainda a nossa alma de entusiasmo, a boa vontade que presenciámos quanto à criação do Escutismo nesta Vila. Vamos trabalhar neste sentido e em poucos meses teremos festa rija na triunfal inauguração, - momento que os Escuteiros de Barcelos e da Póvoa esperam com ansiedade.

Militares

Pelas listas recolhidas para o Movimento Nacional Feminino, verificámos que, onze jovens desta Vila irão passar o Natal em terras do nosso Ultramar.

Para eles vão os nossos votos especiais de Boas-Festas do Natal. Sempre nos lembramos deles em todas as nossas orações particulares e públicas.

Bodas de Ouro Arciprestais

O dia 22 de Novembro foi dia grande para a história religiosa deste Arciprestado.

Monsenhor Adelino Pedrosa completara cinquenta anos de trabalhos e fadigas à frente deste Arciprestado de Esposende.

Todo o clero quis comemorar esta data tão singular, deslocando-se ao Sameiro para aí concelebrar com Mons. Pedrosa, seguindo-se um almoço de confraternização.

O Sr. Arcipreste de Barcelos e da Póvoa, bem como a digníssima Confraria do Sameiro quiseram associar-se gentilmente à nossa homenagem, contribuindo muito para o seu engrandecimento e valorização.

Parabéns Mons. Pedrosa, e que Deus o conserve por muitos anos a amparar, proteger e orientar o clero deste seu Arciprestado, de quem tem sido um grande Amigo e um grande Mestre.

Confraria dos inúteis

Pertencem a esta confraria :

— *Os que nada fazem*

— *Os que não deixam fazer*

— *Os que criticam o trabalho dos outros.*

Não serás um deles?

O que é a MISSA?

Vamos hoje apresentar as duas últimas respostas sobre a Missa, a somar às oito que anteriormente foram expostas.

IX — A Missa é um ponto de partida

A Missa não termina; continua na vida. A nossa missa de cada domingo há-de de projectar-se por toda a semana. Durante esta todo o cristão deve continuar a viver a sua missa dominical que o compromete totalmente. A hora da partida, para quantos participaram na missa, é a hora de cada um se comprometer numa caridade activa. As orações depois da comunhão são de acção de graças, é certo, mas projectam o nosso olhar no futuro, na vida quotidiana que se vai retomar, como um propósito para continuar a viver a missa. São longas as preparações que conduzem à consagração e à comunhão, e são breves as orações que seguem esta comunhão. Efectivamente, é pois a Ele, Cristo, que é necessário ir, mas desde que O recebemos, ficamos investidos de uma missão, e daí que somos despedidos com estas palavras:

Ide em paz., etc., como que a dizer nos, ide para o mundo como portadores da paz de Cristo, a serdes testemunhas de Cristo, a serdes a luz do mundo e o fermento que há-de levedar toda a massa. Estaremos a continuar a nossa missa, se o dia ou a semana que se segue, nos encontra mais corajosos no dever quotidiano, mais humildes, mais crentes, mais fraternos e mais dispostos a transformar toda a vida.

X — A Missa é um anúncio do Céu

Os mistérios do povo judeu são ainda os nossos.

A igreja é o verdadeiro povo de Deus, em marcha para a Jerusalém celeste. As nossas casas e mesmo as nossas igrejas são como as tendas dos Hebreus. Somos peregrinos.

A Eucaristia é o nosso maná e a Missa o nosso cordeiro Pascal. À Eucaristia chamamos às vezes, viático, isto é, o alimento dos viajantes. Assim como a ceia dos hebreus foi anúncio da entrada na terra prometida da felicidade, assim a Missa, de um modo infinitamente mais real, é para nós o anúncio do reino da felicidade eterna. O corpo de Cristo, que recebemos, não é sòmente um penhor, uma garantia, mas é já o alimento do Céu; um fermento de ressurreição. Por isso o Evangelho de algumas missas de defuntos são trechos do sermão da Eucaristia, prègado por Cristo.

Assim o Céu e a Missa são: refeição, reunião, festa, diálogo com Deus e oferta. Deste modo, a missa não é sòmente a refeição do viajante a caminho da pátria, não é sòmente uma representação do Céu; ela é já um primeiro esboço. E é precisamente por isso que as duas palavras que exprimem a alegria dos eleitos, são

também as que os fiéis são convidados a cantar durante a missa: Amem. Aleluia.

Eis porque todos os funerais e casamentos deveriam ter missa.

O Senhor mandou realizar esta refeição da Eucaristia até que Ele volte. Quando finalmente Ele tiver voltado, já não haverá mais missa. Então começará o eterno banquete dos eleitos.

NOTA — Para mais perfeita e completa compreensão da Missa, convém acrescentarmos ao n.º II e III uma explicação, que nos mostre porque há um único sacrificio: *O sacrificio de Cristo.*

Se o Sacrificio da Cruz foi o sacrificio por excelência e se, além disso, o seu valor é mais que suficiente para a salvação dos homens, pois é superabundante e infinito, como é que se justifica, ao lado dele, o sacrificio da missa?

A esta pergunta responderemos que não há outro sacrificio ao lado do de Cristo, pois, que a missa, embora tenha carácter de verdadeiro sacrificio, *não é um sacrificio novo*, que se vem adicionar ao sacrificio do Calvário; é sim, uma *nova actualização do Sacrificio da Cruz*; é uma *representação* desse Sacrificio, não no sentido de uma cerimónia evocativa daquele facto histórico, mas no sentido de sinal eficaz (sacramento) que no-lo torna presente (re † apresentar).

Esta representação prepara-nos interiormente a receber os frutos do Sacrificio de Cristo.

Não esqueçamos que, por uma união misteriosa, (a pessoa de Cristo era Deus e Homem completos), todos os actos humanos de Cristo, porque eram actos duma Pessoa divina, sem deixarem de ser acontecimentos históricos inseridos no dever humano, entraram pela Pessoa do Verbo, que os assumiu, no presente imutável da eternidade. Ora, a eternidade envolve a totalidade de qualquer duração temporal. Por isso os actos humanos de Cristo, que do ponto de vista do evoluir da história já passaram, do ponto de vista da Pessoa do Verbo, que os assumiu, *estão sempre imutavelmente presentes a todos os instantes do tempo*; entraram na imutabilidade do eterno, em que não há passado nem futuro.

A Missa actualiza, num lugar e num momento determinado, aquela acção de Cristo outrora realizada. A Missa é a Ceia e Sacrificio do Senhor a renovar-se para nós.

Eis porque temos um só e o mesmo sacrificio novamente actualizado, bem como há um único Sacerdote — Cristo.

— Não deve haver domingo sem MISSA, nem MISSA sem comunhão.